SOBRE A IMBECILIDADE MASCULINA

(ou "o alívio do Deco")

Antes de mais nada, "imbecil" é aquele a quem falta um apoio. Do latim *imbecillis*, literalmente, "sem báculo". Mas, atenção, os romanos usavam a palavra para referir-se aos muito jovens: carentes dos atributos de poder e de sabedoria próprios da idade adulta, representados pelo cajado dos sacerdotes e pelo cetro dos reis. Diz respeito aos que precisam apoiar-se em outros para poder andar, por carecerem do bastão da experiência e da educação. A figura é a da criança de mãos dadas com sua mãe.

Todos sabem o que acontece com uma criança quando a mãe não lhe presta suficiente atenção. Recorrerá a todos os expedientes imagináveis para voltar a ser o centro de gravitação materno. Se conseguir com demasiada frequência o resultado será catastrófico. Sobretudo quando se trata de um menino. Passará a vida escravizado ao olhar de que depende imaginariamente o seu valor. Os psicanalistas temos um conceito para pensar isto, chama-se *narcisismo*. Contra o que se imagina, narcisista *não* é alguém que se acha – um que fosse auto-suficiente ou cheio de si. Narcisista é o débil precisado do apoio real ou figurado do olhar do outro para se manter em pé. E também contra o que se crê, não são as mulheres mas os homens os mais atrapalhados pelo narcisismo.

Isto posto, vamos à engraçadissima crônica da colunista da Folha de São Paulo Tati Bernardi ("A donzela da ponte aérea", Opinião, 8/4/16), sobre as agruras de um homem que se imaginou paquerado por ela na sala de embarque da ponte aérea. Resumo da ópera: a moça não enxerga direito, achou que fosse um conhecido, o cara se sentiu visto e olhado e começou a pavonear compulsivamente frente a ela até cair no ridículo total. O que me reteve da crônica, porém, foi a conclusão. Depois de repor seus óculos e verificar não

tratar-se de quem tinha imaginado, a jornalista constata que "com a minha mais completa rejeição à sua insignificante pessoa, Deco pode respirar aliviado".

Queria comentar o alívio do Deco.

Domingo passado pedalava no *meu* ritmo. Lá pelas tantas, ultrapassei um ciclista que andava no *seu* ritmo. Comecei a contar no cronômetro em quanto tempo ele iria acelerar seu pedalar para me ultrapassar novamente. Foram vintesete segundos. Esta aí, *a imbecilidade masculina*. O simples fato da ultrapassagem funcionou como um signo, um sinal de provocação. E um marmanjo não só enxerga em todo lugar estes sinais, como se sente obrigado a mostrar ou a medir seu pau quando provocado. É mais forte que ele. Não espanta que tantos pensem que se trata de uma conduta programada no DNA. Mas o importante aqui é observar que nesse momento não somos dois mas três. Estamos na pista: ele, eu e a mamãe dele observando-o desde o céu (não precisa estar morta para encontrar ali seu lugar eletivo). Como se vê, o narcisismo é exaustivo.

Voltemos à cena do aeroporto. O olhar astigmático e hipermétrope (sic) da moça, funcionou para o Deco como a minha ultrapassagem para o ciclista na pista, como um gesto de desafio. *Não* causou o desejo dele, apenas a sua masculinidade foi contestada. Era imperativo mostrar para o resto dos passageiros no saguão a sua condição de macho. Mas, um homem que precisa demonstrar a sua virilidade, é um filhinho da mamãe, independentemente da idade que tiver. A indiferença posterior da cronista o libera das provas. Ele pode desincumbir-se da tarefa. Ufa!

(In)felizmente para alguns, as mulheres não são mães apenas. Às vezes conseguem também ser mulheres. Quando isso acontece, os homens podem descansar do pavoneo. Entretanto...

Entretanto, o jogo não só não diminui como dobra o cacife. Para começar, é jogado entre dois participantes apenas, com a mãe fora da cena. E não ter a mãe entre ele e a mulher apavora os homens. Neste novo jogo tudo *não* se reduz, como na ponte aérea ou na pista de ciclistas, ao exibicionismo

para reafirmar a exclusividade do amor materno. O que está em pauta agora não é a rivalidade com os irmãos para sentar na frente no carro, mas a *angústia* frente ao próprio desejo, causado por ela. Neste ponto, a imbecilidade, a falta de báculo, toma outro nome, ela se chama *broxada*. A humilhação masculina por excelência. Antigamente não havia o que fazer, era preciso encarar. Hoje em dia podemos acreditar (mito moderno) que em qualquer farmácia encontra-se o remédio contra tal e tamanha humilhação. Sildenafil, claro, a solução química para reaver o falo perdido. Solução? Nem sempre: "larguei dele quando descobri que só me comia com Viagra." Acho muito justo.

Em outro lugar[1], comentei a frase de uma policial: "eles temem a burla delas; elas, que eles as matem". Trata-se de uma relação causal: eles as matam por elas rirem deles. Rirem do quê? Da imbecilidade masculina, precisamente. Este sofrimento sem fim pelo cajado, pelo cetro, pelo bastão, pelo báculo... pelo falo cujo segredo os homens acreditam estar nas mãos das mulheres. Uma vez perguntei a um garoto, preocupadissimo com a sua performance sexual, se quando ele jogava bola estava no campo ou na arquibancada. No campo, óbvio! Então, por que fica na arquibancada quando está trepando? Não entendi. (Eu sei que é difícil) Você pensa na bola enquanto joga? ... Então, por que não se ocupa da menina que tem na cama, em vez de preocupar-se pelo pinto? A resposta é simples: porque não suporta ficar a sós com ela. O espectro materno é convidado para avaliar o quanto ele é bom com o instrumento de fazê-la gozar.

Enfim, isso tudo para avançar um pouco a reflexão a partir da perspicácia da Tati Bernardi sobre o alívio do Deco. Ele está duplamente aliviado: não precisa mostrar as façanhas para a mãe, nem tampouco preocupar-se pela angústia que o desejo por ela lhe causaria. O dia que os homens nos despreocuparmos do falo teremos todos uma vida erótica bem mais divertida e de acréscimo, para alegria das feministas, será o fim do machismo.

---

[1] "Blasfêmeas", em *ricardogoldenberg.com.br*